

JORNAL DE GARVÃO

Nº 13 Dezembro de 2011

0,50 Euro

www.garvao.net

MOINHO DO SR CHICO FELIX

Pag. 11



JOSÉ AUGUSTO BAIÃO

Pag. 4



ESTELAS DISCOIDES Da Necropole Medieval de Garvão Pag. 5/6/7/8



"MUNICIPANDO" Presidente da Câmara Municipal de Ourique Pag. 2

"CARAMBA... NEM OS MORTOS ESCAPARAM" Pag. 3

Mais do que reacção É preciso acção

A vila, por vezes, é como um muro, (mais do que da vergonha será, sem dúvida, das lamentações), onde na busca efêmera de protagonismo choramos a nossa agonia.

As reacções são, na maior parte dos casos, extrapolações instantâneas que nos acodem momentaneamente, como uma oportunidade que se não pode perder.

É a busca das emoções ocasionais, sem planeamento, sem lugar ao contraditório. Não se criam, não se prevêm, nem muito menos se acautelam, pura e simplesmente aproveitam-se.

Sem, de facto, muro visível para tal enfática expressão, tal vocação carpideira procurará encontrar na vontade da população a força catalisadora e mobilizadora da sua oposição.

Resquícios caciqueiros locais, (ou talvez não), em última análise será, de facto, o grande responsável pelo subdesenvolvimento: que é como quem diz, sem união, sem diálogo, sem participação não há progresso.

E em não havendo progresso haverá, obviamente estagnação, retrocesso.

A participação institucional, mais do que uma obrigação facciosa, imposta, a copiar em nome de uma plutocracia cidadina, (senão em riqueza pelo menos em influência), em que as discrepâncias entre centros e periferias são cada vês mais díspares, acarretará a longo prazo, (ou não muito longo), consequências nefastas para o desenvolvimento local e a respectiva manutenção de um mínimo populacional, que não seja mais do que um mero reflexo de glórias idas.

Participação activa! Voluntária! claro, é o que se vê, vejam-se as festas, vejam-se os festejos carnavalescos ou pascoais, vejam-se as restantes associações e colectividades que proliferam na freguesia, e nunca são demais, porque a participação comunitária, (vilã, não europeia), nunca poderá ser encarada como uma ameaça, mas como uma prova da participação e vitalidade da sua população.

A participação "legal", a formação de uma comissão com um objectivo específico, a promoção de um evento que dignifique a freguesia pelos eleitos institucionais, parece estar arredado dessas mesmas obrigações legais, ...? E, obviamente e em última análise será sempre uma subtracção a um entendimento colectivo e ao desempenho local doutros melhores habilitados.

Prepotentemente e "orgulhosamente sós", próprios de regimes autocráticos de funesta memória, em defesa da não divisão dos louros, também, não surtirá os efeitos populacionais desejados. Mais do que uma luta ímpia, votada ao fracasso, mais do que um agitar de emoções, mais do que a necessidade efêmera de protagonismo, mais do que tudo isto é, obviamente, a futilidade de tudo isso.

Dias difíceis.

É perante as dificuldades e as incertezas que governamos os destinos da nossa terra. A cada dia que passa lidamos com maiores constrangimentos, mais austeridade e mais cortes de receitas e aumentos de impostos.

E é diante destas dificuldades que nos devemos unir como Povo, em torno da esperança e da confiança. É neste tempo que nos devemos ligar uns aos outros, para afirmarmos as nossas convicções e lutar com determinação pela protecção dos interesses da nossa terra e de toda a comunidade.



Desde sempre que dirigi as minhas principais acções às necessidades e perspectivas de cada um de vós. Faço-o agora mais que nunca, pois sei que nesta altura se vivem momentos dramáticos que atingem famílias inteiras. Apesar das muitas dificuldades da autarquia que dificultam respostas prontas em muitas situações, a nossa determinação é tal que olhamos para o futuro com a esperança e a confiança de quem acredita poder vencer todas as adversidades.

Muitas vezes vos falei da dívida herdada como um constrangimento à nossa acção governativa. Alguns preferiram iludir com demagogia, mas a verdade é que para fazer face aos compromissos de pagamento dessa dívida a Câmara Municipal paga todos os meses cerca de 170 mil euros à banca e fornecedores.

Para que conheçam a dura realidade que nos impede de agir com maior eficiência é importante saber também que no espaço de dois anos (2011-2012) menos de 1 milhão de euros, só do orçamento de estado.

E para que se compreenda que a nossa responsabilidade é agir em nome das pessoas e do futuro em 2012 temos em Orçamento do Município menos 4.2 milhões de euros. Porque temos de nos governar com os recursos que temos e não com outros. Porque a nossa responsabilidade é resolver problemas e não criar e agravar problemas.

E de todas estas medidas difíceis com que nos confrontamos continuam as pessoas e o apoio social a ser a primeira de todas as prioridades. Porque governamos para o bem de cada um de vós e para o progresso de uma comunidade unida e confiante.

Sei que convosco é possível vencermos estas dificuldades! Conto também com todos os Garvanenses para a compreensão destas adversidades, manifestando uma vez mais a nossa disponibilidade para vos apoiar na preparação de um futuro melhor!

Pedro do Carmo
Presidente da Câmara Municipal de Ourique

JORNAL DE GARVÃO

www.garvao.net

Largo D. Afonso III, 7670-125 Garvão

Redacção: José Pereira Malveiro, José Daniel Malveiro

Apoios: Câmara Municipal de Ourique - Junta de Freguesia de Garvão - Casa do Povo de Garvão

Publicado: Ao abrigo da lei de imprensa 2/99 de 15 de Janeiro, artigo 9º nº 2.

Registado: No Instituto Nacional de Propriedade Industrial: Marcas e Patentes.

TIPOGRAFIA: NET impressos - Rio de Mouro



DOAÇÃO de IMPORTANTE ESPÓLIO BIBLIOGRÁFICO

Os redactores deste jornal agradecem a oferta de um importante espólio bibliográfico, por parte de um conterrâneo, (que preferiu o anonimato), e que tem vindo a juntar ao longo dos anos.

Espolio este que tem arranjado, sobretudo, junto de vários arquivos militares, nomeadamente do “Arquivo Histórico Militar”, da “Biblioteca da Região Militar de Moçambique”, entre outras bibliotecas e arquivos, e de diferentes autores relacionada com Garvão, designadamente o livro das “Ordens Militares Portuguesas e Outras Condecorações” do Capitão Olímpio de Melo, de 1922, onde consta um artigo sobre a Ordem de Santiago que outorgou a Carta de Foral a Garvão em Fevereiro de 1267, assim como vária documentação sobre a guerra civil, que opôs absolutistas e liberais no século XIX e, principalmente sobre o “Remexido” celebre guerrilheiro absolutista, (sobretudo as fotos inéditas), que assaltou a vila de Garvão inúmeras vezes, da autoria do Coronel José Reis Santos, inserido no Jornal do Exército em Agosto de 1990 e a “Colleção das Ordens do Dia” referentes ao “Anno de 1832 e 1833” entre outra documentação, militar e civil, que em muito vem contribuir para o conhecimento e divulgação desta terra.

Os autores deste Jornal, não podem deixar de agradecer a cedência de tão importante documentação, por um lado é o reconhecimento de anos de trabalho em prol desta freguesia, por outro lado irá engrossar a já vasta documentação histórico-patrimonial desta vila nas mãos dos referidos autores, que na falta, ou até à constituição, de um arquivo documental da responsabilidade da Junta de Freguesia continuará guardado à responsabilidade dos mesmos.

"Caramba... nem os mortos escaparam"

A devassa no Cemitério Velho continua e a carta de Miguel Goís da Silva, autor do livro “Funcheira Tesouro Perdido dos Caminhos de Ferro”

Apesar das inúmeras denúncias sobre a degradação do Cemitério Velho, e apesar de os responsáveis autárquicos terem colocado um portão de ferro a proteger a entrada, a devassa continua, agora até arrancaram o portão da parede, como se pode ver pela foto.

Já em 2004 o Livro “Garvão – Herança Histórica” denunciava nestes termos o estado de degradação a que tinha chegado: *“Apesar de este Cemitério estar em uso até há relativamente pouco tempo, e ainda conservar lápides funerárias de familiares de pessoas da terra, o Cemitério Velho tem sido votado ao desprezo e abandono. Ainda recentemente, foram cortadas as centenárias oliveiras e a sua lenha carregada para as lareiras. Os gradeamentos das lápides funerárias foram tirados dos seus lugares e postos a um canto para o gado não fugir. Já foi curral de gado, já foi horta, já foi caiado de branco por cima de pinturas antigas e mais se verá, assim diz o povo, se quem de direito não tomar as devidas providencias.”*

Contudo não deixa de ser curioso a carta recebida de Miguel Goís da Silva, autor do livro “Funcheira Tesouro Perdido dos Caminhos de Ferro”, cujo desabafo e perplexidade perante as atrocidades cometidas dá o título a este artigo. *“(…) «Garvão - Herança Histórica» é uma obra notável graças ao seu conteúdo de absoluta importância pela riqueza documental que apresenta e pelo testemunho fiel que dá da realidade. Vai até mais além. Mais do que uma memória de uma outrora grandiosa vila, é a denúncia de uma sucessão inacreditável de atentados patrimoniais. A cada capítulo que li surpreendi-me com uma mão cheia de escandalosas atrocidades cometidas contra monumentos, tradições e memórias colectivas. Caramba nem os mortos escaparam (...)”*



DIVULGAÇÃO COMERCIAL: Toda a publicidade incluída neste jornal não está sujeita a pagamento



Kafé Snack - Bar
"NOVO RUMO"
Servem-se refeições e petiscos diversos

Gerência: Maria de Fátima Barbosa - Carlos Oliveira

Telems.: 934 785 927 / 936 234 652
Rua do Álamo, N.º 11 ** 7670-136 Garvão



JOSÉ AUGUSTO BAIÃO

Morador na Sardoia

José Augusto Baião, de sua graça, nasceu em 1934. Portanto 77 anos de idade, como pedreiro, podador de sobreiros encartado e agora reformado “vai já para 16 ou 17 anos”, como gosta de salientar dedica-se à arte de trabalhar madeira.

A viver na Sardoia, “mesmo diante da Praça de toiros e da feira” como continua a realçar, começou na brincadeira a fazer uma coisa agora outra depois e depois para um e outra coisa para outro, “e começaram a achar muita graça” e hoje vem um gosta de uma coisa amanhã vem outro e gosta doutra e atrás das colheres de pau, umas grandes, outras pequenas vieram os bonecos, carroças e animais, “e olhe hoje é o que se vê”.

De faquinha, sempre amolada, numa mão, um pedaço de choupo ou chorão noutra, “sabe são madeiras macias, o azinho é mais trabalhoso e racha”, seja na taberna da Man’ela, no mocho de pau ao sol, ou à espera da “S’nhora Doutora” em menos de nada, com aparas para a esquerda e raspas para a direita sai uma minúscula cadeira, tão minúscula que até a faquinha parece que se ajeita para realçar os contornos das pernas, só lhe falta o assento de bunho.

Entre colheres de pau, bonecos e bonecas, carros e carroças, animais e outros não tanto animais de vários tamanhos e feitios, ao sol ou à sombra, sentado no mocho de pau ou no madeiro, José Augusto Baião, na Sardoia, continuará a trabalhar o choupo a que a faquinha, amolada, contorcendo-se, vai dando corpo.



Genlar
Sistemas de Segurança Alimentar, Lda
Inês Maria Botelho | j.augustobaião@gmail.com
Tel: +351 918 738 232
Fax: +351 918 694 932
genlar@genlar.pt

CAFÉ LINA
Carlos António Lina
919277300
Chada Nova

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

LINDAMIRA DÓLORES DE BRITO GARVALHO
Tel: 286 555 371
Tlm. 939 441 637
Rua do Álamo, 4
7670 GARVÃO



ESTELAS DISCOIDES

Da Necropole Medieval de Garvão

Resumo

Pretende este artigo dar a conhecer um conjunto de estelas discóides, talhadas em xisto grauvaquico, descobertas junto ao Cemitério Velho da vila de Garvão (concelho de Ourique). Estelas estas descobertas fora do muro que delimita o chamado Cemitério Velho, provenientes da necrópole medieval de Garvão. Os enterramentos no Cemitério Velho prolongaram-se até 1937, data do primeiro enterramento realizado no novo cemitério da vila de Garvão.

De realçar, neste conjunto de estelas, o facto de dois daqueles monólitos, conterem iconografia gravada, e/ou em relevo, indicando a profissão dos inumados: um agricultor e um besteiro.

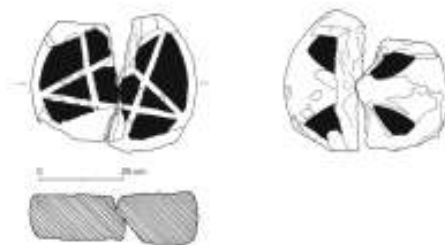
Introdução

Os ritos funerários e o culto aos mortos tem sido uma constante da presença humana desde a antiguidade, as cabeceiras de sepultura utilizadas na Idade Média, nos monumentos funerários, representam uma prática constante da humanidade, transversal a várias culturas e épocas: o desejo de immortalizar os mortos. Estas origens, apesar de difícil temporização, encontram-se desde a pré-história.

Não se conhece quaisquer aspectos relacionados com a referida necrópole medieval, sendo, portanto, este presente artigo inédito sobre esta matéria. A referida Necrópole encontra-se localizada no pequeno cerro a Sul do “castelo” e junto à igreja da localidade. Tem surgido, ao longo dos anos, fragmentos de estelas discóides medievais que os habitantes foram recolhendo e utilizando para as mais diversas tarefas, nomeadamente na construção de muros das

habitações ou dos quintais, devendo-se a salvaguarda das estelas, que são o objecto deste artigo, a espíritos mais esclarecidos que as têm salvaguardado, nestes últimos anos, de destinos menos próprios.

O Cerro do Castelo de Garvão ocupa um cerro aplanado, em posição interfluvial. Rodeiam-no a nascente a Ribeira de Garvão e a poente a Ribeira de S. Martinho, situando-se o ponto de confluência dos dois cursos de água no lado norte do cerro. As ribeiras, que pertencem à



Estela Dois

bacia hidrográfica do Sado são marcados por regimes irregulares, notando-se, contudo, vertentes íngremes do seu leito ao topo do cerro da necrópole e do castelo que garantem perfeitas condições de defesa ao local, justificando ocupações desde épocas antigas.

O foral de Garvão data de Fevereiro de 1267 e a vila manteve alguma importância durante o antigo regime, até à extinção do concelho em 1836 e das várias alterações que caracterizaram o regime liberal do século XIX. A passagem da principal estrada de Lisboa para o Algarve: a feira de Garvão (local de comercialização dos rebanhos em regime de transumância que desciam para os pastos do Campo de Ourique), não seriam alheios à importância da vila de Garvão durante o período medieval. Em redor do cemitério velho, hoje desactivado, têm surgido abundantes ruínas e materiais arqueológicos, nomeadamente as estelas discóides que se vai abordar neste trabalho.

Os materiais arqueológicos recolhidos no local, tanto no cerro do cemitério velho como no cerro do castelo, reportam-se ao Bronze Final, à II Idade do Ferro, aos períodos romano, islâmico, medieval e moderno. Os trabalhos arqueológicos realizados em Garvão nos anos

(Continua na página seguinte)

paraFarmácia
GARVÃO

Técnico: Luis Miguel de Oliveira Vieira Rato
Rua 25 de Abril n.º 3
7670 - Garvão

Tel: 286 555 200
Fax: 286 555 405
parafarmaciadegarvao@hotmail.com

Café Central
Manuel Bárbara dos Reis
Comidas e
Dormidas
Telef. 286 555 113
Lg. da Amoreira, 3 – GARVÃO

Adília Pereira Coelho
TINTAS
DROGAS
FERRAGENS
MATERIAL PARA PESCA

Tel. 286 555 173 - Resid: 286 555 381
Rua do Alamo, 13 - GARVÃO

“BAR DA ESTACÃO”
REFEIÇÕES E PETISCOS REGIONAIS
de: Célia Maria Pacheco Silva

Telem. 917 591 497
7670 - 129 FUNCLIEIRA - GARE

AUTO LITORAL
Arrendamento de Veículos
Rua da Amoreira, 3 - GARVÃO
7670 - 129

Restaurante Martins
Bairro Novo da Sardoá
Lote 38
Rua de Ourique, 22
de
Joaquim Martins Moreira Costa
7670 Garvão
Tels - 936 347 021 e 932 582 913



ESTELAS I

Da Necropole Me

(Continuação da página anterior)

80 proporcionaram a escavação de um importante depósito de oferendas e ex-votos da segunda metade do século III a.C.

A parte mais importante da ocupação islâmica e, de acordo com trabalhos arqueológicos recentes, parece situar-se a nascente do cemitério velho e junto à igreja da localidade.

A maioria das presentes Estelas foram achadas, em 1991, no decorrer dos trabalhos de alargamento da via pública, postas a descoberto pela *bulldozer* da Câmara Municipal, conjuntamente com

d i v e r s o s fragmentos de ossos, cerâmica e várias peças pétreas, numa zona reconhecidamente como prolifera em materiais arqueológicos.

Duas das estelas deste estudo, a estela seis e sete, foram

reutilizadas em construções mais recentes, tendo sido posteriormente identificadas e recolhidas pelo autor.

O presente texto tem, pois, como principais objectivos, dar a conhecer um conjunto, inédito e pouco conhecido, das estelas discóides medievais da necrópole de Garvão.

Suporte, forma e iconografia das estelas discóides de Garvão

Os fragmentos correspondentes às sete estelas discóides de Garvão foram, conforme referi, talhados em xisto, de tom claro, a rocha mais comum na região.

Estes monólitos exibiam forma bem característica, que alguns autores interpretam como antropomórfica (forma humana), com corpo de contorno circular, ou de disco, e perfil rectangular, com forma cilíndrica, por vezes também nomeados de cabeça assente em pé, ou base, paralelepípeda.

Considero, nas descrições efectuadas, como aversos as superfícies decoradas com motivos aniconicos, e como reversos as superfícies decoradas com motivos cruciformes, de clara conotação sagrada. No averso de duas estelas mostram decorações cruciformes, como também no reverso da estela nº 4, tal como os contendo, em relevo ou gravados, simbologia relacionada com a ocupação profissional, que se julga ser complemento da sinalética religiosa.

Os motivos cruciformes que decoram os reversos e dois dos aversos de cinco dos monumentos estudados, repetem-se em três

estelas, apresentando uma delas a mesma decoração, tanto no averso como no reverso. As cruzes constituem símbolos do cristianismo e são elementos considerados com alto valor apotropaico.

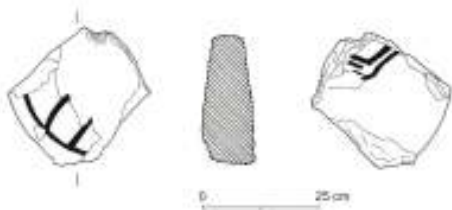
Em duas estelas que apresentam no reverso motivos cruciformes, nos seus aversos apresentam: Uma um pentagrama em relevo, e a outra um hexagrama que ao centro possui um disco com estrela de seis raios inscrita, ou hexafólio.

Os pentagramas, ou estrela de cinco pontas, estão relacionadas com a fonte da luminosidade, da fonte de luz, o seu carácter celeste faz das estrelas símbolos de espírito e conflito entre as forças espirituais ou da luz e, as forças materiais ou das trevas. A estrela de cinco pontas, tal como o número cinco, é um símbolo de perfeição e da manifestação central da luz, do centro místico e de um universo em constante expansão, traçada entre o céu e a terra representa o homem renegado, radioso como a luz, no meio das trevas do mundo profano.

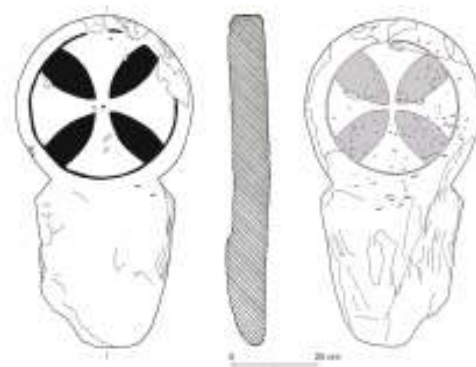
Através dos séculos houve sempre a

preferência por uma estrela de cinco pontas, como figura dos astros de aparência menor do que a do sol e da lua. O planeta Vénus tem sido representado assim e é considerado uma estrela matinal e vespertina, ensajou lendas sem conta. Por outro lado, a estrela de cinco pontas sempre foi, desde tempos remotos e até hoje, o distintivo de comandantes militares, e de generais.

O hexagrama, figura feita de dois triângulos equiláteros sobrepostos, ou entrecruzados, um apontado para cima, outro apontado para baixo, de modo a que o conjunto constitua uma estrela de seis pontas, é uma das representações simbólicas mais universais. Entre os hebreus, cristãos e muçulmanos chama-se Selo de Salomão. Esta figura contém, em primeiro lugar, os quatro elementos: o triângulo com o vértice para cima representa o fogo; o triângulo com o vértice para baixo a água; o triângulo do fogo truncado pela base do triângulo da água designa o ar; por outro lado, o triângulo da água truncado pela base do triângulo do fogo correspondendo a terra. O todo, reunido no hexagrama constitui o conjunto dos elementos do universo.



Estela Três



Estela Quatro

Salão Mila
Emília M.ª Mestre Maia M.
Telef. 286 555 201 Rua Nova, 15-A
Telef. 965 779 545 GARVÃO

ANTÓNIO FRANCISCO DELFINO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA A PNEUS DE LIGEIROS E PESADOS
PNEUS AURORA - MECÂNICA GERAL
Telef. 286 555 416 - Telem. 962 341 322
GARVÃO

VEDESTEIN
ALLIANCE
MARSHAL PNEUS
RECONSTRUIDOS
FEDIMA®
LUBRIFICANTES
SHELL



DISCOIDES

Medieval de Garvão

As rosetas, hexafolios ou rosáceas de varias pétalas, muito frequentes no médio oriente, consideram-se como tendo especificamente um significado profiláctico contra o mau-olhado, por outro lado pode figurar o Sol.

Dois daqueles monólitos mostram, no anverso e conforme mencionei, representações de artefactos capazes de indicarem a ocupação profissional dos indivíduos cujas sepulturas demarcavam.

O arado do tipo radial indicaria, sem dúvida, a sepultura de um lavrador, ou de alguém associado ao trabalho agrícola. A besta (arma de guerra) representaria a sepultura de um besteiro, que poderia ter pertencido ao corpo de besteiros do antigo município de Garvão.

A temática decorativa pode representar o céu ou um arco-íris, Sol ou Lua, terra arável ou água, temática ainda difícil de ser interpretada com fundamentos e paralelos credíveis.

As estelas com a representação de Bestas são muitos raros em Portugal, so são conhecidas cinco. O corpo de Besteiro é uma das mais originais e bem sucedidas experiências da organização militar portuguesa medieval: a milícia dos Besteiros do Conto, criada por D. Dinis em finais do século XIII, marcou presença nas mais importantes operações militares de todo o século XIV e atingia, nas primeiras décadas do século XV, um total de 5000 efectivos provenientes de perto de 300 unidades locais de recrutamento.

Ritual Funerário

As estelas funerárias discóides medievais são indissociáveis dos rituais funerários e das sepulturas dos indivíduos que memorializavam. Segundo Beza Moreira (1984), identifica cento e quarenta e oito destes monumentos no Distrito de Beja, sendo este, o Distrito com mais frequência destes monumentos.

As sete estelas discóides de Garvão assumem significado especial, não só por estas serem inéditas em Garvão e em todo o concelho de Ourique, mas pelo facto de serem provenientes da necrópole anexa à antiga Igreja do Sagrado Espírito Santo.

As estelas discóides de Garvão assinalariam sepulturas em fossa, escavadas no solo, e por vezes cobrindo o defunto com lajes

de cobertura. Estas sepulturas poderiam possuir pequeno *tumulus* de terra e, talvez de pequenas pedras, encontrando-se orientadas no sentido nascente-poente, sendo o cadáver depositado, apenas envolto numa mortalha, com a cabeça voltada para aquela ultima direcção.

Tratar-se-ia, possivelmente de gente autóctone, cuja condição sócio-económica permitia este tipo de estelas decoradas, ultimas memorias dos mesmos, que ajudariam a personificar através da indicação profissional.

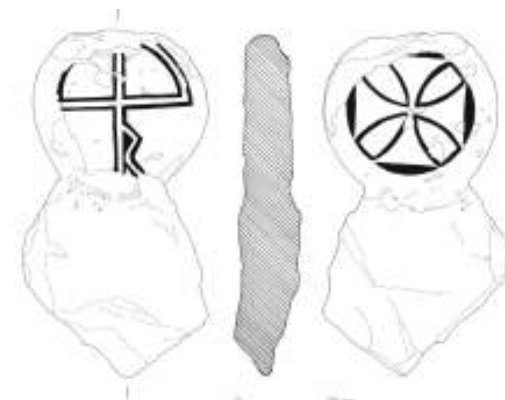
As sepulturas, com estelas ou sem elas, formavam junto à Igreja o cemitério da vila de Garvão, integrado durante a Idade Media na topografia urbana possivelmente amuralhada. A orientação das sepulturas e dos cadáveres, com a cabeça voltada para ocidente e pés para oriente é muito comum na Europa, sobretudo a partir do século XI, sendo idêntica à orientação da Igreja de Cristo, voltada para nascente e para o Futuro. Trata-se de aspecto ritual, adoptado pelo Cristianismo, sendo detectado em necrópoles tardo-romanas e visigóticas, mas estando conotado com o movimento solar e com a ideia do seu renascimento diário, Contudo, a face do cadáver deveria, olhar o firmamento ou o Céu.

Este aspecto ritual mencionado, com implicações sócias, reflecte pratica difundida na Europa Cristã.

Cronologia

Segundo Mário e Rosa Varela Gomes, a datação através do método radiocarbono ao esqueleto da sepultura dezassete na sua intervenção em

Silves, indicanos uma cronologia para os séculos XIII ou XIV, tendo em consideração a similaridade entre a estela desta sepultura e as encontradas em Garvão, podemos apresentar uma data cronológica para a necrópole de Garvão, sensivelmente para a mesma época.



Estela Seis



Estela Cinco

(Continua na página seguinte)

Café Nascido do Sol
ALMOÇOS - PETISCOS - JANTARES
Tel. 286 555 347 - GARVÃO

Padaria MARTINS
Rua de Ourique, 22
de Joaquim Martins Moreira Costa
Telems. 926 005 930 - 936 347 021 - GARVÃO

CAFÉ CANELAS
de José Guerreiro Manuel
[Contactos] 7 670 128
Telefone 286 555 166
Telemóvel 965 090 101
Largo da Estação n.24 7670-128 GARVÃO

PADARIA VITÓRIA
Joaquim
Rosário Guerreiro
Telef. 286 555 133
Rua Nova, 3 - 7670-141 GARVÃO



ESTELAS DISCOIDES

Da Necropole Medieval de Garvão

(Continuação da página anterior)

Conclusões

As representações de ofícios em estelas funerárias constituem importantes indicadores da sua importância e da sua distribuição, a uma escala local, contribuindo, também, para a construção de quadros económicos e sociais.

Este artigo resulta da recolha e do estudo, inédito de sete estelas discóides recolhidas em 1991 junto ao Cemitério Velho da vila de Garvão, lugar presumível da Igreja do Sagrado Espírito Santo.

Estas cabeceiras de sepultura seriam provenientes do adro da referida Igreja, onde eram efectuados os enterramentos da população em geral, como era hábito, até à revolução Liberal do século XIX.

A introdução da lei que institui o uso de Cemitérios Públicos e proibiu os enterramentos junto às Igrejas não foi pacífica, provocando várias revoltas populares pela população que queriam continuar a enterrar os seus mortos em solo sagrado.

No caso concreto de Garvão no sentido de manter o Cemitério no mesmo local, preferiu-se demolir a própria Igreja, ao contrário das outras terras que mantiveram a Igreja e construíram um novo Cemitério noutra local.

Esta zona, situada em posição elevada, como que dominando a vila, e dentro da cerca defensiva do primitivo núcleo urbano da vila de Garvão, denota uma cronologia bastante recuada em função dos vestígios achados nesta zona, as próprias paredes, do que agora é conhecido por Cemitério Velho, denota a existência de várias construções anteriores aproveitadas na sua construção, nomeadamente a Igreja do Sagrado Espírito Santo.

O conhecimento desta Igreja é escassa, resumindo-se à menção em vários dicionários chorográficos do século passado como o do Pinho leal e ao achado de várias peças pétreas como a pia baptismal, três fechos de abobada e as estelas objecto deste estudo.

Arqueologia não é só desvendar o passado é também construir o futuro, o estudo das Estelas Medievais ou Cabeceiras de

Sepulturas pretende contribuir, não só para um melhor entendimento das populações desta localidade em tempos medievais, mas de uma forma geral contribuir para o estudo e divulgação desta pratica.

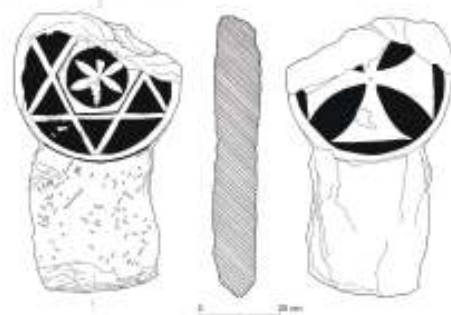
Procura-se assim, com este trabalho, efectuar a devida inventariação dos achados enquadrando num contexto local os diferentes aspectos destas estelas, nomeadamente os diversos desenhos que as adornam de carácter religioso, profissional ou económico.

Bibliografia

BEIRÃO, C. de M.; SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; Gomes, M. Varela e GOMES R. Varela (1985) – “*Deposito Votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Noticia da primeira campanha de escavações*”. O Arqueólogo Português, S. IV, 3, p.45-136.

DIAS, Jorge. (1982). *Os arados Portugueses e as suas prováveis origens*. Vila da Maia: Gráfica Maiadouro.

GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (2006). *Estelas discóides da necrópole da Sé de Silves (Algarve, Portugal). Contexto e cronologia*. In: O Arqueólogo Português, Suplemento n.º 3. Lisboa, p. 309-330



Estela Sete

MOREIRA, J. B. (1994). *Algumas profissões representadas em estelas discóides portuguesas*. Cuardenos de Sección. Antropologia – Etnografia 10, p. 271-296.

MOREIRA, J. B. (1984). Typologie des stèles discoïdales du Portugal. *Hil Harriak*. Bayonne. P. 319-345 (*Actes du Colloque International sur la Stèle Discoïdale*).

MOREIRA, J. B. (1990). Instrumentos de ofício de lavrador em estelas discóides portuguesas. In *Signalisations de Sepultures et Stèles Discoïdales. Ve –XIXe Siècles*. Carcassonne: Centre d'Archeologie Médiévale du Languedoc. P.191-198.

José Daniel Malveiro - Mestrando em Arqueologia UNL-FCSH

Café Futuro
Almoços e Jantares
Rua do Álamo
--- Internet Wireless ---
Associação Futuro de Garvão

B. P. & P. Lda.
CONSTRUÇÃO E REMODELAÇÃO
Batista Pereira & Pereira, Lda.
Construção e Remodelação
Rua Quinta da Silveira, Lt. 559 • 1675-818 Famões • Casal da Silveira
Telefons: 96 648 50 19 - 96 232 15 49 Fax: 21 980 40 08
E-mail: baptistapereira2001@sigo.pt

Café Beira Linha
ALMOÇOS E JANTARES
Telef. 286 555 199
ESTAÇÃO DE GARVÃO

Coel. N.º 901 697 621
MANUEL BARTOLOMEU ROMÃO, HERD.™
ARMAZENISTA DISTRIBUIDOR
Telef. 286 555 120 - Telef. / Fax 286 512 848
E.N. 123 KM 47,8 OURIQUE

ANTÓNIO
VENDA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA
Radios e Televisões
Telef. 286 555 111
GARVÃO

ALUMIGARVÃO
Carlos Silva & Silva, Lda.
Tlm. 934 059 158
Catechilaria de Alumínio e Madeira
Montagem de Estores
Portões Basculantes e de Folha
Tectos Falsos - Decorações e Resoluções Gráficas
Tel./Fax 286 555 164 - Rua Nova 25-B - GARVÃO



DESENVOLVIMENTO LOCAL

Plano e estratégia de implementação

O processo de desenvolvimento local, é um esforço contínuo por parte dos residentes organizados de uma localidade, no sentido de identificar problemas e aspirações, criar e formular estratégias para abordá-los, implementar esses planos e avaliar os resultados, numa lógica de participação, onde a mudança e a renovação são o âmbito e o êxito dessa comunidade.

Exigem esforço constante para encontrar novas formas de atender às necessidades dos cidadãos. O processo de desenvolvimento local é um diálogo constante entre os residentes de um local — as autoridades, as organizações cívicas, os grupos comunitários, os dirigentes empresariais e outras pessoas — visando procurar sistematicamente uma melhor qualidade de vida para todos.

A estratégia de implementação de um Plano de Desenvolvimento Local, resulta de uma intervenção e convergência de experiências e expectativas que um conjunto diversificado de parceiros envolvidos, transporta para o seio do debate e análise deste assunto.

A informação e o conjunto de ideias e propostas no Plano de Desenvolvimento Local, não são produção exclusiva nem de uma entidade, nem de um indivíduo, antes sim de uma multiplicidade de contributos construídos e transmitidos ao longo de um percurso.

- O abandono da população jovem.
- O envelhecimento progressivo da população.
- A baixa qualificação dos recursos humanos.
- A fragilidade do tecido produtivo agro-florestal.
- A reduzida capacidade de iniciativa empresarial.
- Os problemas de natureza ambiental.
- A desidentificação das pessoas com o território.
- A importância de alguns recursos locais bastante subaproveitados.

São alguns dos aspectos que constituem a base de ponderação e a partir da qual se deve construir o Plano de Desenvolvimento Local.

A fixação da população jovem

A fixação da população jovem, surge como um objectivo final, pela importância de que se reveste para o futuro do território e, deve ser assumido pelo conjunto dos parceiros envolvidos.

- O decréscimo da população no território, a baixa taxa de natalidade.
- O envelhecimento da população.
- A migração da população jovem em idade activa.
- A baixa qualificação dos recursos humanos.
- A reduzida capacidade de investimento.

Constituem, de facto, aspectos que preocupam bastante quem, localmente, se preocupa e realiza um esforço no sentido de alertar a população para este trauma e evitar o êxodo rural.

A articulação deste objectivo com o da dinamização da economia local constituem um pilar estruturante do Plano de Desenvolvimento Local.

O reforço da identidade local

Todo o conjunto de aspectos que caracterizavam o meio rural no nosso território têm sido consecutivamente colocados em causa:

- A alteração dos ritmos de trabalho.

- A alteração da paisagem.
- A redução drástica das actividades agrícolas.
- A deslocação da população em idade activa para outros sectores de actividade.

- As inúmeras construções tanto de habitações como de outras infra-estruturas.

- O abandono de algumas aldeias.

- A pressão demográfica nos grandes centros urbanos.

- O abandono de práticas ancestrais de produção dos produtos e bens essenciais (pão, enchidos, panos de linho e estopa, lavra da terra, moagem, etc.).

- A introdução de rotinas e de hábitos de consumo urbanos, criaram uma cisão nos factores de identificação da população (sobretudo da mais jovem) com o território.

No entanto esta é uma realidade demasiado presente e importante para se ignorar! Resumidamente, por este conjunto de razões consideramos fundamental trabalhar a questão da identidade do território pelo impacto que esta questão poderá ter na fixação da população jovem, pelo impacto positivo que poderá ter no reforço da atractividade do território e pelo efeito que poderá ter na qualidade de vida destas populações;

A valorização dos recursos locais

Surge como uma questão também crucial para a prossecução do objectivo geral do Plano de Desenvolvimento Local. O território e as suas gentes olham pouco cientes para o valor que alguns dos seus recursos poderão representar para a melhoria da sua qualidade de vida. No entanto, a valorização dos recursos locais poderão representar oportunidades de investimento, de criação de emprego, de uma ocupação dos tempos livres com qualidade e significar em última análise um território competitivo. Os produtos agrícolas, florestais, minerais e outros como a gastronomia, o mobiliário e o restauro, a paisagem, o património natural e histórico-cultural, as albufeiras, os recursos hídricos, as águas termais, são alguns dos recursos nos quais se considera fundamental uma intervenção local.

A dinamização da economia local

constitui-se como um aspecto crucial no sentido de promover, também economicamente o território, atribuindo-lhe a auto-sustentabilidade que lhe garanta alguma autonomia face ao exterior. A dinamização da economia local surge intimamente associada à fixação da população jovem e à formação e qualificação dos recursos humanos locais.

Os procedimentos operacionais referentes à implementação deste Plano de Desenvolvimento Local, assumem grande relevância na medida em que a estratégia definida, assenta largamente num objectivo central de animação local do território, significa isto que estamos a falar de actividades que requerem a presença permanente e eficaz de uma equipa cujas principais tarefas serão exactamente as de gestão, implementação e de animação local do conjunto de acções previstas.

FONTE: ADICES – Associação de Desenvolvimento de Iniciativas Culturais, Sociais e Económicas.



SUL e SUESTE

O Poeta João da Graça. (II Parte)

No seguimento da primeira parte da Crónica de "O Poeta João da Graça", do livro "SUL e SUESTE" de Joaquim da Costa, publicada no Jornal de Garvão número onze, publica-se agora, devido à extensão do artigo, a segunda parte.

(*Ortografia, segundo o original*)

Encontraram-se certo dia sôbre a ponte, o Guita do Forno, e o poeta. Aquê, dando-se ares, botou qualquer laracha a João da Graça, e intimou-o a que desse pronta resposta, mas não em verso... Era no Inverno. As águas da ribeira umgiam de encontro ao pilar da ponte. Choviscava, João da Graça, embrulhado no varino, mostrava-se de mau humor, mas replicou ao impertinente forneiro:

- Mais vale a graça barata, ca guita cara !...

E foi-se dali, contente com a resposta e deixando o Guita de cara à banda...

*
* *

Havia na vila uma dama que era muito amiga do compadre Graça. Mulher bastante mais nova que ele, pessoa cuja porta muitos pretendentes rondavam, ela gostava, todavia, de se divertir com o seu querido compadre, de lhe dizer chalaças de lhe ouvir respostas picantes. Tôda ela se desmanchava em viva risota quando êle lhe contava as suas aventuras de rapaz e a punha ao corrente dos últimos escândalos ou lhe dizia versos brejeiros, que muito bem sabia compor e recitar. Era doida por versos, e em certa ocasião, também ela compôs uma quadra, e de repente. Travara-se a fresca e a arisca dama de razões com o seu namorado. Despedira-o mesmo de casa dela, puzera-o, com alarido, no ôlho da rua, e ficara-se em paz na czinha da «rua direita». Era dia de Entrudo. Grupos de mascarados, com seus armoniuns, percorriam as artérias da vilazinha. Nas adegas, decilitrava-se o palhete novo.

Compadre Graça, que era amante da boa pinga, tomara uns copitos e, já com dois grãos na asa, quis e foi cumprimentar a «alegre comadrinha», como ele familiarmente lhe chamava, e informar-se do «incidente», que naquele momento era o motivo de tôdas as conversas. Bateu com os nós dos dedos no postigo da bem conhecida moradia, e logo lhe surgiu a senhora dona, muito contente de o ver por aquela casa. Mas o poeta, nesse dia sentia-se abrumado. Entrou. Sentou-se a um canto da quadra, e pôs-se a tanger a harpa das lamentações. A páginas tantas, aludindo à vida um tanto livre da comadre, e às suas próprias máguas, exclamou:

- Comadre somos muito desgraçados!...

Ela pulou na cadeira. Carregou o sobreceño, E respondeu:

*Se o compadre é desgraçado,
Desgraçada não sou eu !
Eu cá sinto-me feliz
Com a sorte que deus me deu !...*

Ele achou pilhéria à quadra, sim, mas porque nesse dia estava de má catadura, referindo-se ao incidente de véspera, ao facto daquela poetisa de momento ter posto no olho da rua o amigo, dis-lhe sem rodeios, que ela não tinha razão nenhuma para se sentir feliz. Deu a entender que a considerava «pessoa de cabeça leve». Estabeleceu-se vivo diálogo. E após a troca de algumas palavras azêdas, êle foi-se levantando com a intenção de se retirar. Alguns passos dados, já no limiar da porta, virou-se para a comadre, e cantou-lhe:

*Há dois entes em Garvão
Que andam sempre em grande luta ...*

E suspendendo a recitação, o velho poeta popular, disse:

- Dou-lhe um doce se adivinhar o resto da quadra !...

Os versos que faltavam, soube-se mais tarde, continham uma alusão à vida privada da «comadrinha». Mas não deviam, de modo nenhum, considerar-se lesivos da sua dignidade. Propositadamente deturpados, tais versos originaram o corte de relações entre os «dois entes que andavam sempre em grande luta».

*
* *

Numa casa de hóspedes da vila, juntaram-se certo dia vários admiradores do poeta. Ofereceram-lhe um almôço, e, como o vinho que ali havia era bom, puro sumo da uva, a homenagem serviu de pretexto para copiosas libações. E para ditos de espírito, chalaças, e recitação de versos feitos em louvor do vinho... Um dos assistentes, moço estudante dedicado às musas, ergueu-se a certa altura e leu os seguintes dois sonetos, que oferecia ao seu amigo, o poeta João da Graça:

O Vinho

I

*Sangue de Cristo, o vinho bom seduz,
Aquece e alegra o humano coração,
Dá força, dá vigor, consolação,
Da Vida torna leve a dura cruz.*

*Bendita seja a terra que produz
A uva que o sol doira no verão
A mãe do vinho amado como o pão
E que eu adoro como adoro a luz!*

*Quando aos lábios elevo a taça cheia
Do líquido rubente e precioso,
Sentindo o Mundo e a dor que me alcança.*

*E ao bebê-lo, o vinho puro louvo,
E canto, e rio, e danso, folgo e goso,
Sentindo em minha veias sangue novo!*

A assistência aplaudiu o estudante. E daí a pouco, todos se voltaram para o compadre Graça, e lhe pediram que «fizesse ali uns versos ...»

Quis êle escusar-se. Que não tinha já veia poética, que estava cansado e velho... Mas, por fim improvisou as seguintes quadras:

I

*Todo o homem, quando nasce,
Segundo eu oiço dizer,
Já traz o tempo contado
E o vinho que há-de beber.*

II

*Se em novo se descuida
E anda um tanto atrasado,
P'ra beber aquela conta,
Tem que lhe dar com cuidado.*

III

*Vi dois velhos a chorar
Numa adega, a um cantinho;
Com receio de lhes ganhar
Cá Graça em beber vinho.*

A última quadra foi coroada com uma grande salva de palmas. Um a um, todos os presentes abraçaram o velho poeta, que estava deveras comovido com aquela manifestação de homenagem e simpatia. Depois, o Caetano Rosa organizou consêrto com uma rabeca, uma guitarra, uma viola e um harmónium, e a festa prosseguiu até de madrugada. Quando os presentes foram acompanhar o compadre Graça a casa, já os galos do «castelo» anunciavam o alvorecer do dia...



MOINHO do Sr. Chico Félix

Não deixa de ser ainda hoje uma imponente figura que se recorta no horizonte e desperta curiosidades e interesses. O Moinho do Sr Chico Félix, como presentemente ainda o denominamos, há já muito que os ventos da erosão deformam as suas paredes e a taipa cobre o chão do que outrora foi o adro de velas, das varas e cabrestos presos com nó de barqueiro ou nó de porco.

Também, já não se ouve os brados do moleiro, ou a vela direita desfraldada a anunciar a falta de vento, ou desfraldada à esquerda a anunciar a recolha da farinha, não terá havido, com certeza, as velas em cruz a anunciar a morte do último Moleiro.

Entre a Torre e o Capelo, o Mastro, Entrosca e Carreto: Mós e Tegão; o canto dos búzios; as cordas de armar; as velas latinas, garganta, valuma e esteira, (e o nó de barqueiro), a lembrar terra de marinheiros, terá o último Moleiro carregado os últimos grãos de almocreves e seareiros, raçoeiros e quintaneiros, entre maquinas e comedias, entre carroças e carros, carretas e cangalhas de um só dorso, terá esbranquiçado os últimos cabelos, senão da idade certamente de farelos e farinha.

Muitos outros moinhos haveria em Garvão entre Moinhos de Vento, de Água ou Atafonas movidas a sangue, (bestas, cavalos, éguas e burros), de que um dia se fará história, destaca-se o moinho do Morgado ou do Madeira e o moinho de Lazaro Soares, conforme consta no "Livro "da Misericórdia e do Sagrado Espírito Santo", nos anos de 1769 e 1829 respectivamente.

Farrejal ao Pégo do Limaõ a fls 67

Foro de hum farrejal sito nos coutos desta villa ao pego do Limaõ (...) o qual se achava murado de Taipa e posto de vinha aforado a Miguel Lopes, filho do primeiro empossado Manoel Lopes, desta villa por dois alqueires de trigo, (...) no anno de mil sete centos vos

digo sete centos sesenta e nove annos semdo aos sinco dias do mez de Julho (...) o qual parte com outro farrejal da Coroa que he da capela do Anal e com outro farrejal de Dom Miguel Maldonado e com a estrada que vem para a villa do muinho do Morgado que chamaõ do Madeira.

Esctiptura de Renovação de juro fatuezim e reconhecim^o de direito Senhorio Luiz Dias Bravo, e sua m^{er} da Horta de Val de Guilherme a fls

131

Traslado d'Esctiptura de Renovação de fôro fatuezim, e Reconhecimento de Direito Senhorio, que fazem Luiz Dias Bravo, e sua mulher (...) no anno de mil oito centos vinte nove, aos vinte quatro de Fevereiro (...) Luiz Dias Bravo morador na Villa d'Ourique por si, e como Procurador, que mostrou ser de sua mulher Dona Maria Francisca Aurellia Contreiras, elles se achaõ Senhores, e Possuidores da Posse, e Dominio Útil da Horta de Vale Guilherme, ou do Claro, (...) sita no Couto desta Villa, que houveraõ por titulo d'herança de seus Antepassados, parte o dito farrejal pela estrada ao pé do moinho de lazaro Soares da parte do Poente, tomando pela parte do Norte pela estrada que vai para a Crata virando para o Nascente parte com terras do Conselho até á altura digo para a Crata, virando para o Nascente parte com terras do Conselho té á altura, e virando aguas vertentes abaixo parte com terras de Dom Miguel Maldonado a dar á estrada aonde principia a primeira confrontação.

1843

Data na pedra de
lintel da porta



Moinho como se encontra actualmente



A Vila vista do Moinho

Informática

PSC, Informática de Paulo J F Sousa Cruz
Rua Nova 5A - 7670-141 Garvão
Tele.: 938 783 670 - E-mail: pscruz3366@gmail.com

MONTARAZ
GARVÃO

Agencia Funeraria Alentejana
Funeraria e instalações para todo o país

Sede:
Rua Eng. Duarte Pacheco 1-3
Avenida 45
1690-509 Ourique
Tel - Fax 266 573 561
Email: funaralentejana@oapo.pt

Filiais:
Centro Comercial
Via Nova de Mil Fontes
loja 36 Cave
Rua Gago Coutinho 72
1665-820 Salsela
Tel - 203 082 117
Estrada Nacional
4 - 1468
Cabeço

Joaquim Gonçalves 938810885
Elio Guerreiro 969163679
932690543
Pedro Gonçalves 932692541

MOVIGARVÃO
Carlos Alberto Guerreiro Silva
Telem. 934 059 159
Móveis - Electrodomésticos
Tapetes e outros artigos
de decoração para o Lar
Candeeiros - Cozinhos por medida
Fax 286 555 164 - B.º Escola, L 2 - GARVÃO

REVEZ & GONÇALVES
Materiais de Construção, Lda.
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
PECUÁRIA
VENDA A RETALHO
Telef. 286 555 164 - Largo da Amoreira, 4 - GARVÃO



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA

Família Mendes



O sobrenome Mendes surgiu na Península Ibérica e é de origem patronímica, no princípio os filhos dos homens chamados Menendo recebiam o nome ou a alcunha Mendes, por sua vez, o nome Menendo é uma forma abreviada do nome visigótico

Hermengilt (Hermenegildo) que é de composição controversa, porém alguns crêem que o nome é composto por duas palavras visigóticas Ermen, que significa tudo ou inteiro, e Gilt ou Gild, que significa sacrifício ou tributo, dessa forma Hermenegildo significaria sacrifício total.

Um dos primeiros Mendes foi Gonçalo Mendes, também conhecido como Guterre Ermenegildes ou Guter Menendes. Nascido por volta do ano 820, foi casado com Elvira Anzures, também conhecida como Ildaura Pais ou Ildaura Eriz, com quem teve como filho, Hermenegildo Guterres, também conhecido como Mendo Gonçalves ou Ermígio Guterrez, que foi Conde de Coimbra e que se casou com Ermesenda Gatones, filha do Conde Gatón e Egilona (provavelmente filha de Ramiro I - Rei das Astúrias).

Outro dos primeiros Mendes foi Gonçalo Mendes da Maia (Maia, 1079 — Batalha de Ourique, 1155). Conhecido como “O Lidador”, foi um comandante militar e um cavaleiro português. Filho de Mendo Gonçalves (3º senhor da Maia) e Ledegúndia Soares Tainha, casou-se com Urraca Teles com quem teve uma filha chamada Moninha Gonçalves da Maia, que por sua vez foi casada com Rodrigo Forjaz de Trastamara.

Nascido na vila do Trastamires (actual Maia), junto à cidade do Porto, D. Gonçalo pertencia à família dos Mendes, tendo como irmãos Soeiro Mendes e D. Paio Mendes.

Na mocidade, por sua fidalguia e afinidade espiritual, tornou-se um dos maiores amigos do primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques. A vontade férrea de D. Gonçalo e suas inúmeras e épicas conquistas no campo de batalha – em que o risco à vida era o eterno desafiante – granjearam-lhe o cognome de “O Lidador”.

Segundo a lenda popular, no dia em que comemorava 95 anos, Gonçalo Mendes estava na frente de uma batalha contra os muçulmanos, que estava a correr mal para o lado português. De repente, ganhou renovado vigor e, juntando um grupo de combatentes, atacou o inimigo. Este, ao ver um soldado envelhecido atacar com a força de um jovem, julgaram-se perante um acto mágico, o que lhes diminuiu o moral.

Assim, um dos maiores líderes muçulmanos decidiu enfrentar Gonçalo Mendes, na esperança de reconquistar o moral das duas tropas. Apesar de gravemente ferido, Gonçalo Mendes conseguiu derrotar o seu adversário, com efeitos demolidores, pois o exército muçulmano, sem líder, desorganizou-se, pelo que as tropas portuguesas conseguiram ganhar a batalha. Findo esta, Gonçalo Mendes terá sucumbido aos ferimentos.

O Que Dizem Os Outros Jornais...

CÂMARA de OURIQUE

“corta” na despesa

“Correio do Alentejo” 16/12/2011

A Câmara de Ourique vai cortar quatro milhões de euros no orçamento de 2012 se comparado com o deste ano, anunciou esta semana o presidente da autarquia, Pedro do Carmo. No total, o orçamento atinge 18,6 milhões de euros e a sua diminuição chega aos 18 por cento – em 2011 o valor do orçamento rondou os 23 milhões de euros.

“Estes cortes representam, sobretudo, uma diminuição da dinâmica da autarquia, particularmente num momento em que conseguimos equilibrar as responsabilidades de pagamento da dívida herdada com um conjunto de projectos e medidas para salvaguardar o progresso e a competitividade da nossa terra”, reconhece o autarca socialista quando convidado a explicar as medidas aprovadas na quarta-feira, 14, em reunião de Câmara e que serão analisadas nesta sexta-feira, 16, pela Assembleia Municipal.

Na base desta decisão está o contexto de crise que atravessamos mas, sobretudo, “a redução em mais de um milhão de euros” das receitas que chegam à Câmara de Ourique a partir do Orçamento do Estado. Para Pedro do Carmo, esta situação faz com que a autarquia tenha de estar preparada para enfrentar “momentos dramáticos” e, segundo adianta, mesmo os municípios com situações financeiras mais folgadas estarão “obrigados a cortes e a austeridade”.

“O que nos é exigido, diria mesmo o que nos é imposto pelo Governo, promove o bloqueio da acção governativa local”, lamenta o autarca, chamando a atenção para o facto de este quadro impedir o recurso aos fundos comunitários e, por isso, adiar muitos projectos.

CANDIDATURA do CANTE a PATRIMÓNIO da HUMANIDADE

“Diário do Alentejo” 9/12/2011

A candidatura do cante alentejano a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO, cuja Comissão de Honra é liderada pelo Presidente da República, será entregue em Março do próximo ano na sede da organização, anunciaram hoje os promotores.

O projecto, segundo a Confraria do Cante Alentejano, entidade promotora da candidatura, “parte do envolvimento das comunidades, dos grupos e dos indivíduos na salvaguarda do seu próprio património cultural imaterial”. Em comunicado enviado à agência Lusa, a Confraria do Cante Alentejano adianta que o projeto será apresentado a 30 de março de 2012 na sede da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em Paris (França).

A Comissão de Honra é liderada pelo Presidente da República, Cavaco Silva, e integra, entre outros, o primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, o Bispo do Porto, Manuel Clemente, e o presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, Rui Vilar. O musicólogo Rui Vieira Nery lidera a Comissão Científica da candidatura do cante alentejano, à semelhança do que aconteceu com a do fado, sendo a Comissão Executiva presidida por Carlos Laranjo Medeiros. Além da entidade promotora, a Confraria do Cante Alentejano, a candidatura tem como copromotoras a Casa do Alentejo e a Associação MODA, enquanto a Câmara de Serpa e a Entidade Regional de Turismo (ERT) do Alentejo são patrocinadores.

FRASE DO ANO

O DESASSOMBRO (profético) DE D. MANUEL MARTINS Bispo Emérito de Setúbal.
“Jornal Expresso”

Sábado, 13 de Agosto de 2011

«Devíamos ser capazes de vender esse ouro todo que anda ao pescoço dos santos nas procissões. Os cordões e os anéis que o povo quer ver pendurados nos santos, para que prestam? Porque não vendemos isso tudo, deixando só as coisas de valor histórico e artístico?».

«O dinheiro que se gasta nas festas poderia alimentar tanta fome. E nós deitamos foguetes. Razão tinha, pois, D. Manuel Vieira Pinto quando asseverava que o cristianismo português tinha/tem «muitas procissões e pouca profecia».

